

## AQUISIÇÃO DE CLÍTICOS E ESCOLARIZAÇÃO

Marcelle Teixeira Silva\*  
(UESB)

Adriana S. C. Lessa-de-Oliveira\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Este estudo investiga o processo de aquisição dos pronomes clíticos na escrita de alunos do município de Vitória da Conquista – Bahia. Buscando analisar a influência da escola neste processo, investigamos um corpus composto de textos escritos por alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental (E.F.) e do 1<sup>o</sup> ao 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio (E.M). Os dados investigados confirmam nossa hipótese de acordo com a qual o valor paramétrico de clíticos adquirido através de ensino formal não corresponde ao que é prescrito pela Gramática Tradicional (GT).

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da linguagem. Hipótese inatista. Língua escrita. Português brasileiro. Pronomes clíticos.

### INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre o sistema pronominal do português brasileiro (PB) mostram que há nessa língua uma tendência a substituição do clítico acusativo de 3<sup>a</sup> pessoa por: pronome reto, SNs anafóricos ou categoria vazia. Segundo Kato (2002), na mudança do sistema pronominal<sup>20</sup>, o PB perdeu a oposição morfológica *ele – o*, que define caso pronominal. Isto levou a uma alteração do pronome reto de 3<sup>a</sup> pessoa, que passou a ocorrer em posição de objeto com o traço [ $\pm$ humano]. Este fato teve como consequência o esvaziamento do clítico de 3<sup>a</sup> pessoa, levando o PB a adquirir um *objeto nulo referencial*, que se alterna com a forma pronominal do caso reto. Tais mudanças levaram o PB a um

\* Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

\*\* Professora do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre e Doutoranda pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>20</sup>Processo também observado por TARALLO (1983), CYRINO (1993) e outros.

distanciamento do PE, perdendo, segundo GALVES (1997), os pronomes clíticos no seu sistema oral e apresentando tendência ao uso da próclise<sup>21</sup>.

Objetivamos investigar o surgimento dos pronomes clíticos na escrita de alunos do E.F. e E.M., verificando até que ponto a escolarização é determinante no uso dos referidos pronomes. Nossa análise irá se fundamentar na proposta de Kato (2005), segundo a qual o conhecimento lingüístico do letrado brasileiro se distingue tanto da gramática da fala quanto da gramática ensinada na escola. No início da aquisição da escrita, o indivíduo é guiado pelos parâmetros de uma gramática nuclear (G1). Com a escolarização, adquirem-se os parâmetros da periferia (G2)<sup>22</sup>, em competição com os da G1. Assim o letrado possui tanto os parâmetros da G1 como os da G2, utilizando-os conforme a situação.

## MATERIAL E MÉTODOS

Compomos um *corpus* com textos produzidos por alunos da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do E.F. e do 1<sup>a</sup> ao 3<sup>a</sup> ano do E.M. da rede pública. Depois de coletados, foram selecionados 5 textos de cada série, totalizando 35. Esse material foi obtido mediante solicitação da professora, para que os alunos não notassem que estavam sendo investigados, garantindo a característica de naturalidade aos dados coletados.

Para análise, levaremos em conta as estratégias de preenchimento do objeto direto, a saber: a) preenchimento com o mesmo SN (*O rapaz negro disse que **o jovem de 23 anos** provocou Ø e então ele acabou matando **o jovem**.* – 8<sup>a</sup> Série); b) preenchimento com outro SN (**Carlos**, *ele bagunça na sala vive fazenu piada com os professores e os professores fica irritado e ponha ele pra fora e aí a secretária ispulsa **o cara**.* – 6<sup>a</sup> série); c) preenchimento com pronome reto (*Por isso que*

<sup>21</sup> Enquanto no PE continua havendo uma inclinação à ênclise.

<sup>22</sup> Essa periferia, para Chomsky (1981), pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, podendo os indivíduos de uma mesma comunidade apresentar ou não esses fenômenos de forma marginal.

quando qualquer pessoa ver outra pessoa discriminando uma velhinha, não deixe discriminar **ela**. – 5ª série); d) preenchimento com clítico acusativo (*Não significa que por que é menor não vamos puni-lo*. – 2º ano); e) categoria vazia ou objeto nulo (*Eu pedi que Joana pegasse Ø mas ela não pegou Ø*. – 7ª série).

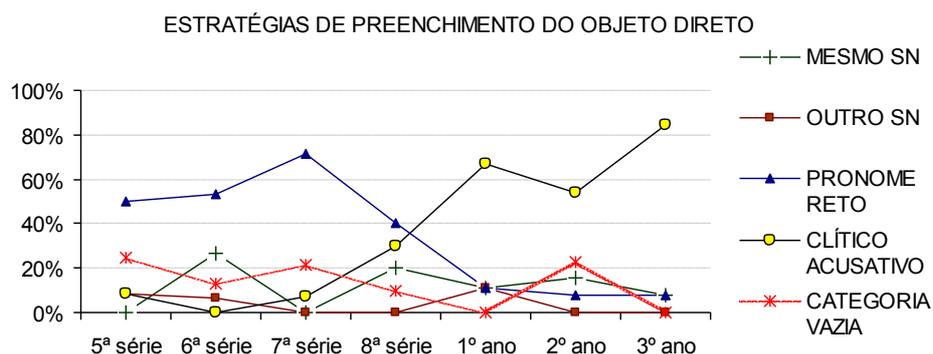
Outro fator analisado é a posição dos clíticos, que são classificados de acordo com sua colocação relativamente ao verbo em: a) próclise (*Os idosos nos ensinam coisas boas*. – 5ª série); b) ênclise (*Lembro-me que aos seis anos vi meu irmão*. – 3º ano); e c) mesóclise (*Falar-te-ei coisas boas*.)<sup>23</sup>

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados mostram que o preenchimento com pronome reto e com mesmo SN vai diminuindo à medida que a escolaridade vai aumentando (cai respectivamente de 50% para 7,7% e de 26,6% para 7,7% das séries iniciais para as finais), assim como o preenchimento com o clítico acusativo cresce com o aumento da escolaridade (vai de 8,3% para 84,6%), indício de que o aluno vai internalizando outro sistema pronominal com a escolarização.<sup>24</sup> Quanto ao objeto nulo, embora este não apresente grande variação de índices das séries iniciais para as finais, seu percentual de ocorrência foi suplantado nas três séries do E.M. pelos do clítico. Tais resultados mostram que os clíticos vão substituindo os nulos e os retos com a escolarização (ver gráfico).

<sup>23</sup> Com exceção da mesóclise, os exemplos apresentados nesta seção foram retirados do *corpus* em estudo.

<sup>24</sup> Corrêa (1991) chega a resultado semelhante.



Quanto à colocação dos clíticos, observamos que, embora a ocorrência de ênclise aumente com a escolarização, a próclise se mantém mais freqüente em todas as séries, apresentando como menor freqüência o índice de 68,5%, no 3º ano do E.M. E a mesóclise é inexistente nesse *corpus*. Isto nos leva a avaliar que o sistema que está sendo adquirido não é exatamente o sistema que vigorava em PB, quando o clítico usado na língua oral, nem é o sistema do PE. Essa tímida aquisição da ênclise, que contraria o que a GT preconiza<sup>25</sup>, reflete uma dificuldade de aquisição desse parâmetro, verificada também nos exemplos: *meu pai a ajuda ela...* (5ª série); *...para se cadastrá-los* (1º ano); *desejo lhe abraçá-lo...* (3º ano)

O que se verificou nos dados pode ser explicado com base na hipótese de Kato (2005), ou seja, os alunos estão adquirindo parâmetros da G2 – clíticos e ênclise–, em competição com os da G1 – pronomes retos e categorias vazias como objetos e próclise (se for clítico).

Assim, a atuação da escola nesse resultado não pode ser atribuída ao ensino das normas da GT. O que, de fato, funciona como *input* nesse processo é a língua escrita “viva”<sup>26</sup>. Como os alunos, no início, têm pouco contato com textos escritos, os dados das séries iniciais apresentam valor paramétrico próximo ao da fala. Com a escolarização, eles vão tendo contato com a escrita, passando a marcar outros parâmetros. Esta experiência os leva a utilizar os clíticos, a

<sup>25</sup> Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 300) *Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ênclise.*

<sup>26</sup> A língua presente nos textos jornalísticos, científicos, literários contemporâneos, etc.

diminuir o uso do pronome reto como objeto e a utilizar a ênclise, mesmo que a próclise ainda continue sendo a posição mais freqüente em seus textos.

## CONCLUSÕES

Concluimos que a aquisição de clíticos dá-se via processo em que o aluno, possuidor de uma G1 vai marcando outros parâmetros, formando uma G2. Assim, o *input* que ele recebe, de uma língua escrita em uso, aciona indiretamente a GU. Dessa maneira, o sistema de clíticos que o aluno adquire não é aquele preconizado pela GT, mas o que ele encontra nos textos, que funcionam como dados positivos através dos quais os parâmetros são fixados.

## REFERÊNCIAS

- CORRÊA, V. R. **Objeto direto nulo no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Campinas: UNICAMP, 1991.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris. 1981.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica** (Homenagem a Fernando Tarallo). Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163 – 185. Edição original 1993.
- GALVES C. A sintaxe pronominal do português brasileiro e a tipologia dos pronomes. In: **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. pp. 153-176. Edição original 1997.
- KATO, Mary Aizawa. Pronomes fortes e fracos na sintaxe do português brasileiro. **Revista Portuguesa de Filosofia**. Coimbra, Portugal, v. XXIV, p.101-121, 2002,
- \_\_\_\_\_. A Gramática do Letrado: Questões para a Teoria Gramatical. In: **Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino**. Braga, CEHUM (U. do Minho). 2005.

---

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. 273f.  
Tese (Doutorado em Lingüística) – University of Pennsylvania. 1983.